

de salvar o que pode ser salvo. Que escalada, que evolução! Há alguns anos podíamos ver mudanças na produção artística - pois a arte tem suas próprias leis e nada tem a ver com a política -, mas acreditávamos que, de alguma forma, essas coisas eram normais. Hoje, não estamos mais longe do momento em que poderemos ser presos pelo fato de sermos *artistas sérios*. Ou melhor: isso já aconteceu! Não sei o que Hitler entende por "Música Nova", mas sei que para essas pessoas aquilo que designamos por esse termo é um crime. Não está mais distante o momento em que seremos encarcerados por escrever tais coisas. No mínimo, estamos economicamente arrazados, marginalizados (3)!

Recuperarão eles a razão no último instante? Caso contrário, a vida espiritual se aproxima de seu fim.

Vejam agora como se deu o desenvolvimento histórico das idéias e dos princípios de apreensibilidade e coerência, aos quais chegamos na última vez. Comentamos sobre o espaço que pode ser designado para a apresentação das idéias musicais e constatamos que é possível concentrar uma idéia completa numa única voz, numa melodia que existe por si só. Citei como exemplo todo um domínio da arte no qual as idéias musicais eram expressas *somente* dessa forma: o canto gregoriano. Ele se criou ligado ao rito da igreja católica. (A propósito, pode-se observar algo semelhante no ritual judaico.) Entretanto - agora prestem bem atenção! - sentiu-se logo a necessidade de ampliar esse espaço, de apresentar a idéia musical de tal forma que ela não fosse mais exclusivamente horizontal, mas possuisse também a profundidade da polifonia. Na monodia a idéia devia ser veiculada por uma só parte. Assim, como é que o fenômeno musical evoluiu ao longo dos séculos? O estilo dos neerlandeses se formou muito rapidamente, de tal maneira que por volta do

final do século XVII chegava já ao fim (4). Ele apresenta um grande florescimento da polifonia. Explícitemos mais tarde a que ponto ele explorou o domínio sonoro e quais foram os meios utilizados.

Porém nessa época, em que a polifonia se desenvolveu de maneira cada vez mais rica, vemos surgir um outro método de apresentação, relacionado com elementos mais primitivos, com formas de dança e coisas do gênero. O que vemos formar-se, então? (Isso nos conduzirá até J.S. Bach, o apogeu que integra ambos os métodos de apresentação.) Com base no fato de uma idéia poder ser apresentada polifonicamente, desenvolveu-se um tipo de formas mais populares, as formas de dança, e assim emerge o conceito de "acompanhamento". O que é isso? O que devemos entender por "acompanhamento"? Não sei se essas coisas já foram tratadas sob esse ponto de vista, mas acho importante conduzi-las nessa direção. É sem dúvida curioso que alguém cante, e outra pessoa "acrescente alguma coisa"! Estabelece-se, portanto, uma hierarquia entre elementos principais e elementos secundários, por consequência algo de muito diferente da autêntica polifonia. Aqui também a idéia não é explorada numa única melodia, mas reforçam-se certas tendências das *funções musicais*. Na época que chega até Bach e Händel, - muito embora não se deva confundir! -, devem ter sido determinantes os elementos que tendiam a uma forma de apresentação conferindo prioridade a uma voz. É o período onde vemos uma extraordinária ampliação do domínio sonoro resultante da valorização da harmonia.

Olhemos o passado! (Baseio-me aqui na última palestra de Schoenberg.) (5) Partimos da escala de 7 sons. É interessante notar que, na época de Bach, a conquista da escala de doze sons tenha ocorrido ao mesmo tempo que a conquista da harmonia. À época da polifonia po-